Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro, nº 2, maio/1932, pp. 21-23

A Expansão do Império Português

ESPECIAL PARA ESTE BOLETIM

POR HENRIQUE DE PAIVA COUCEIRO

E' a Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro, uma instituição que tem por objectivo, segundo declara o seu estatuto,— "despertar entre os portugueses da America, e entre os seusirmãos brasileiros, o interesse pela vida das Colónias Portuguesas".

Ou, por outras palavras, dispõe-se essa Sociedade a promover, pelos meios ao seu alcance, a união da familia portuguesa dispersa pelo Mundo, procurando enlaçar os parentes que o destino separou, num feixe unico de aproximações espirituais, e de amizades recíprocas.

Extenso é ainda, com efeito, o Império Português na actualidade. Mas, mais extenso se tornaria êle, sem dúvida, no dia em que conseguissemos que todos os filhos do sangue luso, embora vivendo em Países estranhos e afastados, convergissem pelo sentimento e pela simpatia militante, em volta da velha Bandeira, que todos aceitam sem discrepancia, quer dizer, da bandeira dos Descobrimentos, da Conquista, e da Civilização.

Patriótica e utilíssima é, por conseqüência, a iniciativa da Sociedade Luso-Africana, vindo, por meio dessa propaganda ampliadora das fronteiras de Portugal, trazer preciosa colaboração aos bons portugueses da Metrópole, que, libertos finalmente do regimen de partidos politicos que os dividia, concentram hoje o pensamento na restauração dos períodos áureos da história patria, pelo desenvolvimento do seu Império, Europeu e Ultramarino.

*

A estreiteza das nossas fronteiras continentais conduziu-nos o espirito, em tempos idos, para os ideais da expansão marítima e Ultramarina. Apertados dentro de casa, procuravamos logicamente a grandeza fóra dela. E cometendo o duvidoso mar num lenho leve, — como canta o nosso poeta nacional, — rompemos as fronteiras do Mundo antigo, e fomos, por vias nunca usadas, conquistar entre remotas gentes novos domínios para a nossa Soberanía, — fórte, progressiva e humana.

Esses mesmos naturais motivos, que outrora nos levaram para as contingencias do Mar Tenebroso, ainda subsistem com força igual no momento que passa. E se, ontem, descobrimos, conquistámos, e demos principio á obra civilizadôra, — continua-la é dever de hoje, e necessidade que se impõe. A missão tradicional não sofre interrupções nem paragens. Os portugueses, colonizadores catedraticos, e construtores profissionais de Países novos, proseguem na mesma carreira, com o "Talent de bien faire", que sempre lhe dedicaram. Perpetuando, por esses nobres caminhos, o nosso nome através do espaço e do tempo, e criando, desde logo, elementos colaboradores de força moral, e de potencia economica e militar, garantias da prosperidade e da dignidade nacional.

Magna obra, que envolve o Poder Naval. E, na base deste, o aumento em grande escala da produção economica, aquem e além-mar, e o aumento correspondênte da marinha mercante, e frotas de pesca, os quais aumentos do Comercio, e da Navegação Comercial, não só representam alicerce necessario para o desenvolvimento da Marinha de Guerra, mas são élo, ao mesmo tempo, de sumo valor, para a ligação entre a Metropole e o Dominio Ultramarino, constituidos como um todo economico, solidario e interdependente. Eis o que pretendêmos. E o Atlantico, lago português, como já era, aliás, aspiração de D. João IV.

Não nos faltam, para isto, elementos geograficos. No Atlantico-Norte, a propria Metropole com a sua abundancia de portos, nomeadamente Lisbôa, e Lagos á bôca do Mediterraneo. No Atlantico-Sul, Angola, onde a nossa Colonização se implanta com fortes raizes, frente a frente com o Brasil, sangue do nosso sangue, belo e frondoso ramo do nosso tronco criador. E, regularmente distribuidos sôbre a vastidão Oceanica, entre Europa, Africa, e America, o rosario das nossas Ilhas Atlanticas, — Madeira, Açores e Cabo Verde, escalas comerciais e es-

tratégicas, servindo e comandando as grandes estradas do Mar. E comandando-as de tal maneira que, sem o seu apoio intermedio, dificil será a qualquer Potencia Naval exercer, em tempo de guerra, a polícia, e a defeza directa, do tráfego marítimo. A questão está em sabermos aproveitar o valor natural dessas posições, preparando-as como pontos de apoio, ou bases navais, com as instalações e meios de defesa marítima, fixa e movel, e de defesa aérea, e anti-aérea, para desempenharem o seu papel, em conexão com o problema estratégico geral da posse do Atlantico. Esta pósse só póde resalvar-se inteiramente com a intervenção de esquadras de alto mar, que não se encontram, pelo menos na sua totalidade, dentro do nosso actual alcance financeiro. Mas os pontos de apoio devidamente organizados, representam a valiosa contribuição, com que pagarêmos a nossa quota parte de Senhores do Atlantico.

Assim garantida contra eventuais emergencias a liberdade desse Mar, e a segurança das nossas comunicações Ultramarinas, poderá levar-se á pratica sem receios, em Portugal e seus Dominios, o grande sistema de Agricultura, Industria, Comércio e Navegação, cujo vasto desenvolvimento é nosso objectivo nacional.

Para esta Empresa, tem o concurso da Sociedade Luso-Africana a maior oportunidade, pois que, evidentemente, as relações e conhecimentos, pessoais e locais, dos portugueses estabelecidos, em vários pontos do Globo, constituem, dêsde logo, portas abertas e oficiosas agencias, que muito podem facilitar a nossa expansão mundial. Verdadeiros pontos de apoio de uma obra de paz, eminentemente apropriados para fundar, encaminhar, e sustentar, as correntes comerciais e marítimas.

E, já por virtude de modernas emigrações, em busca da fortuna, — já como resultado da nossa aventurosa vida anterior, de descobridores e conquistadores, — muita alma de ascendência portuguesa se encontra plantada por todos os hemisferios, fóra do territorio português propriamente dito: — quer na margem ocidental do Atlantico, — Brasil, Guiana Inglesa, e Estados-Unidos da America do Norte, — quer no Pacifico, — California e Ilhas de Hawai ou Sandwich, — quer no Extremo Oriente, — Changai e Hong-Kong, Bombaim, Calcutá e Malaca, — etc., etc.

Verifica-se, pois, que temos auxiliares naturais em todas as partes do mundo, prontos muitos deles, — estamos seguros disso, — a demonstrar praticamente o seu amor por esta pequena orla do Atlantico-Norte, cume da cabeça da Europa toda, de onde saíram os seus avós, proximos ou remotos, e estão de pé, ainda, os templos, os monumentos, e os arquivos, que consagram as origens ilustres da sua propria genealogia.

A' sombra desses bons entendimentos, torna-se possivel, evidentemente, insinuar e irradiar, em largas proporções, o trato mercantil, e a influência económica, e dar vida, por conseguinte, a uma grande navegação que os sirva.

Por outro lado o todo económico do Imperio Português, no seu conjunto, é susceptivel de importantes acrescimos demograficos e produtores, e, implicitamente, bancarios, mercantis, e maritimos. Senhores da Navegação e do Comercio, da Ethiopia, Arabia, Persia e China, — com carta e patentes de antigas eras, — porque é que não havemos de atualizar titulo tão soberbo, em harmonia com as circunstancias do presente, — convencidos, demais, como todos estamos, Aquem e Além-Mar, de que a grandesa e o prestígio, da nossa Patria Comum, se fundam, agora como no passado, e pelas mesmas razões, na expansão marítima e Ultramarina em ligação com a economia da Metropole?

* * *

Estas perspectivas que, muito ao correr da pena, estivémos aqui desenrolando perante os Portugueses do Exterior, pódem, talvez, figurar-se a atavismos sebastianistas, ou devaneios de imperialismo sonhador, mais do que objectivos susceptiveis de realização efectiva.

Mas convém, no entretanto, recordar-nos de que muito maior razão teriam os nossos antepassados se, no alvorecer do século XV, supozessem conto fantasioso das mil e uma noites, o dobramento do Cabo da Bôa Esperança, a dominação da India, — Socotorá, Ormuz, Gôa e Malaca, — e mais ávante, China e Japão, Sumatra, Java, e Molucas, — tributos e vitorias, — Impérios e Cristandades — especiaria ardente, e joias finas, — perolas e ouro, rubís e diamantes. E, contudo, o sonho tornou-se realidade indiscutivel, cuja fama retumbante impôs, o Portugal dessa época, ao respeito, e á admiração do mundo inteiro.

Bem sabemos que tudo isto implica, e requér, novos conceitos de vida, particular e pública, — do prosseguimento dos quais conceitos

poderiam acaso duvidar aqueles que, ainda ha poucos anos, conheceram e viram os portugueses degladiando-se, e consumindo o tempo e as energias, na pugna esteril e ingloria do politiquismo sectario e truculento.

E', todavia, facto constatado pela experiencia, na Historia portuguesa, que, em cada vicissitude crítica, em cada iminencia de naufragio, quando parece que a Nacionalidade vai a pique, nas vagas do temporal desfeito, — desperta a consciencia nacional, e o patriotismo, e o valor dos seus filhos, salva a náu, prestes a submergir-se. Assim succedeu, por exemplo, em 1383, em 1640, e em 1807.

E a história repete-se. Governada desde 1834 por oligarquias partidárias, monarquicas ou republicanas, sob o ambiente desmoralizador de eleições corrompidas, e de favoritismos a benefício de interesses particulares, — a Patria Portuguesa decaíu.

E a massa popular, vendo ao alto os gôsos egoistas duma sociedade burguesa, sem a châma viva dos ardores patrióticos, sem o poder comunicativo dos civismos entusiásticos, — perdeu a crença em tudo, e tornou-se apática, fatalista e indiferente.

Longe ficavam, sem dúvida, os tempos de Aviz. Esses tempos em que, — por haver ideais positivos, — fé e ciencia a guia-los, — mando consciente, e virtudes fortes, a servil-os, — os Portugueses venceram ondas e perigos, dominaram terras e mares, difundiram leis e ensinamentos, e edificaram, emfim, cidades e fortalezas, civilizações e Imperios, como a India e o Brasil.

Esses tempos em que Portugal, numa palavra, tinha assento nos conselhos do Velho Mundo como Potencia de 1.ª ordem.

Duro contraste com o Presente, que, todavia, bem se explica: Gases deletérios, de filosofia abstracta e mistificadôra, invadiram, nomeadamente desde o século XIX, o nosso riquissimo patrimonio de conquistas morais e materiais, e penetrando as instituições, as ideias, e os costumes, conduziram o País, por degráus sucessivos, até ás condições de perdição, e dissolvencia social e política, do ano de 1926.

Chegára a hora propria da reacção nacional. E o Exercito, em nome dum Povo, que não quer morrer, nem quebrar a linha coerente dos seus pergaminhos historicos,—assumiu o Poder Público, em regimen de Ditadura.

Espiritualmente, essa reacção nacional traduz o pensamento dos Portugueses actuais, quer dizer, das gerações novas de Portugal, que leram a Historia, compararam os factos e as raizes das suas causas, e extraíram as conclusões, que são a verdade política portuguesa, com a fórma de Doutrina Nacionalista.

E sob as inspirações e directrises dessa Doutrina, que é programa da Ditadura Militar, — a Nação organiza-se, e, através das estruturas municipais, sindicais e corporativas, estimulam-se as iniciativas fecundas, estabelece-se o contacto colaborador entre a Nação e o Estado, e abre-se margem para que se fórme a consciencia pública, e os elementos da população melhor compreendam, e mais se interéssem, pelos altos problemas da Grandeza Nacional. Animam-se as inteligencias, valorizam-se as boas vontades, apagam-se recordações e emblemas de guerra civil, e procura-se a fôrça onde ela está, quer dizer, na unidade nacional organizada e confiante, sob a auctoridade dum Estado fórte, interpretador e realizador do Bem Comum.

Unidade que abrange, — claro está, — os Portugueses do Exterior, cujo patriotismo não enfraquece, antes mais se inflama com a saudosa imaginação de quem hoje vive, nas separações da distancia.

Para esses Portugueses do Exterior, ausentes, mas não esquecidos, da Patria, cujo altar nos reune a todos, nas aspirações comuns de honral-A, e engrandecêl-A, — vão as nossas melhores saudações, com a esperança feliz de que o nosso esforço, coordenado e harmonico, concorrerá eficazmente para erguer, cada vez mais alta, a velha Bandeira, — a dos Descobrimentos, da Conquista, e da Civilização, — que todos amamos e servimos.

Santo Amaro de Oeiras, 14 de Abril de 1932.

Henrique de Paiva Couceiro

LEIAM "ÁFRICA PORTENTOSA" POR GASTÃO DE SOUSA DIAS